

COMUNIDADE NITEROI E SUAS PERCEPÇÕES PERANTE A MORTE: ESTUDO DE CASO

Niteroi community perceptions and to death: case study

Edilene Chagas de Oliveira
Mestranda do PPGG/UNIR
ecopvh@gmail.com

Adnilson Almeida da Silva
Doutor em Geografia, Dep. de Geografia e membro do PPGG/UNIR
adnilsonn@gmail.com

RESUMO

As percepções do processo da morte variam de acordo com o tempo, cultura, e a fase da vida do ser humano, ou seja, os conceitos, as percepções e representações sobre a morte evoluíram e evoluem de acordo com o desenvolvimento cognitivo do homem. Captar essa percepção é condição primordial para se conhecer de fato as verdadeiras razões que explicam o modo como a população ribeirinha da Comunidade de Niterói se organizou com o espaço cemiterial. A metodologia considerada pertinente ao uso da percepção para o estudo de caso em questão foi a fenomenologia, assim, foram realizadas várias visitas a campo e encontros com moradores da comunidade, as quais consistiram no envolvimento, participação e diálogos com a comunidade sobre a percepção do ribeirinho quanto a morte e os cemitérios domésticos (clandestinos) onde visa comparar as respostas com a análise bibliográfica, para que descrevêssemos a área de estudo conforme a percepção dos moradores. E assim compreendermos como ocorreram na Comunidade Niterói às tradições de enterramento, que culminaram na abertura dos cemitérios domésticos (clandestinos). Nas regiões do baixo Madeira, a carência ocorre sob todos os sentidos, especialmente financeiro, o que obriga os parentes do falecido a sepultar seus entes queridos em locais inapropriados.

Palavra - Chave: Cemitério, Percepção, Comunidade Niterói

ABSTRACT

Perceptions of the process of death vary according to time, culture, and the stage of human life, ie, concepts, perceptions and representations of death evolved and evolve according to the cognitive development of man. Capture this perception is prerequisite to actually know the real reasons that explain how the local population of the Community of Niterói was organized with the space cemeterial. The methodology considered relevant to the use of perception to the case study in question was phenomenology, so there were several field visits and meetings with community residents, which consisted of involvement, participation and dialogue with the community about the perceived riverside as death and graveyards house (underground) which aims to compare the responses with the literature review, we

describe for the study area as the perception of the residents. And so we understand how occurred in the Community Niterói traditions of burial, which culminated in the opening of cemeteries domestic (illegal). In the regions of the lower Madeira, the shortage occurs in all directions, particularly financial, which obliges the relatives of the dead to bury their loved ones in inappropriate places.

KEY-WORDS: Cemetery, Perception, Community Niterói

1. INTRODUÇÃO

As percepções do processo da morte variam de acordo com o tempo, cultura, e a fase da vida do ser humano, ou seja, os conceitos, as percepções e representações sobre a morte evoluíram e evoluem de acordo com o desenvolvimento cognitivo do homem.

Para Kovács (2002) a morte está presente no desenvolvimento humano desde a mais tenra idade, a autora acredita que as ausências momentâneas que a mãe tem são percebidas pela criança, nos primeiros meses de vida como mortes.

É nesse cenário que iremos contextualizar a percepção do Ribeirinho da Comunidade de Niterói, localizada a jusante do Rio Madeira, tendo as narrativas ribeirinhas como parte de suas representações sociais e culturais em relação a morte, uma vez que seus entes são enterrados próximos a suas casas.

2. APORTE CONCEITUAL

No entendimento de Diegues (1996) as populações tradicionais possuem um modo de vida específico, uma relação única e profunda com a natureza e seus ciclos, uma estrutura de produção baseada no trabalho da própria população, com utilização de técnicas prioritariamente baseadas na disponibilidade dos recursos naturais existentes dentro de fronteiras geralmente bem definidas, adequando-se ao que a natureza tem a oferecer, e também manejando quando necessário. Em tais populações, ocorre uma constante transmissão de conhecimentos através das gerações como forma de perpetuar a identidade do grupo.

Tuan (1983) discute as ações, as percepções, e simbologias que transformam os espaços em lugares, onde as experiências, vivências e a afetividade do/no lugar desempenham um papel fundamental na construção e identidade do mesmo.

Espaço e Lugar são termos familiares, (re)conhecidos pela maioria das pessoas, entretanto, na visão do autor, nossas experiências comuns se misturam na busca pelo lugar e na conquista pelo espaço, “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligado ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 1983, p.3).

Acrescenta ainda Silva, (1994) que pensar a organização espacial de um grupo social como os ribeirinhos, é descobrir uma pluralidade de fatores que contribuem para a caracterização e formação de determinada paisagem. Esses fatores têm diversas formas de se apresentarem, quer seja: psicológica, moral, ecológica, econômica, política ou mítica.

Ribeiro (2010) acrescenta ainda que é no primeiro momento que se estabelece o que será abordado na pesquisa, para tanto deve-se observar as relações espaciais com uma macro-visão sem redução, fazer uma interpretação que busca compreender além do que foi falado, fazendo uma leitura da relação do narrado com o espaço vivido e suas percepções.

Já Frémont (1980, p.92), afirma que o pesquisador deve:

Estabelecer claramente o seu objeto no espaço vivido, fenômeno que, para ser corretamente captado não admite redução alguma. Implica a análise no estudo de cada relação do homem com o espaço. Exige a síntese na apreciação de todas as relações e das suas inter-relações.

Pereira (2010) diz que as pessoas criam laços afetivos com os lugares onde moram. E muitos elementos contribuem para a criação destes laços, que tão fortes, podem superar até mesmo as grandes adversidades. Tuan (1980) destaca que a consciência do passado é um fator importantíssimo no amor pelo lugar e que para explicar sua lealdade para com o lugar, os homens apontam os laços com a natureza, ou recorrem à história.

Nesse sentido, a raiz e o pertencimento identitário entre o homem e o meio são tão profundas, que até as catástrofes, mesmo aquelas oriundas dos impactos ambientais, como as cheias ou deslizamentos de terras, geram histórias, feitos heróicos e símbolos. Tudo isso se incorpora ao modo de viver do ser humano e do grupo que ele faz parte. O indivíduo indentifica-se com o meio. É o que a princípio dá forma e sentido a sua cultura. (PEREIRA, 2010)

Claval (2007, p.63), conceitua a cultura como “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante as suas vidas[...]”. Assim nasce a afeição pelo meio que o circunda. É assim que o mundo vivido toma forma, toma consistência e passa a dar mais significado à vida das pessoas e a tudo que elas fazem no espaço que se apropriaram.

Captar essa percepção é condição primordial para se conhecer de fato as verdadeiras razões que explicam o modo como a população ribeirinha da Comunidade de Niterói se organizou no espaço cemiterial, pois é:

“[...]com essa visão [...] que olharemos[...], vendo suas descrições dos lugares como o conhecimento concreto deles, reconhecendo suas representações com as mais exatas possíveis, embora construídas sem a preocupação com a precisão. Tentaremos interpretar as informações [...] tal como[...] nos demonstraram e a fenomenologia nos dá sustentação para isto, pois ela é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela se apresenta.” (NOGUEIRA, 2001, p.21)

2.1 HISTORIA DA OCUPAÇÃO DA COMUNIDADE NITERÓI

A população ribeirinha do Rio Madeira foi formada por descendentes de indígenas, dos nordestinos vindos nos períodos do ciclo da borracha, que começa na segunda metade do século XIX, ocorrendo, também, a miscigenação com os europeus do período da colonização. O modelo de ocupação nesta área da Amazônia é de caráter linear e “beradeiro”, forçado pelo extrativismo das seringas nativas abundantes. (AB´SABER, 1989 *apud* NASCIMENTO SILVA, 2000).

A Comunidade Niterói é formada por várias pequenas propriedades ao longo da estrada que dá acesso aos moradores e que tem a mesma toponímia e é nesse espaço vivido que percebemos e identificamos a cultura do grupo social compreendendo o modo de vida e às representações sociais e culturais existentes predominantes nas relações entre o ribeirinho e o lugar onde vive com seus mortos.

A organização do espaço da comunidade se assemelha as demais comunidades localizadas ao longo da margem do Rio Madeira pela distribuição das casas dispersas ao longo da estrada que dá acesso, que não dá ao visitante a noção real do entorno e o isolamento é algo presente entre os "vizinhos".

O termo “ribeirinho” refere-se àquele que anda pelos rios. O rio constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte, graças,

sobretudo às terras mais férteis de suas margens. Os primeiros estudos sobre caboclos-ribeirinhos aparecem nos anos cinqüenta, com os trabalhos pioneiros de GALVÃO (1951), WAGLEY (1952) e STERNBERG (1956).

Nascimento Silva (2000), relata que em meados do século XX, o processo de expansão foi ampliando-se com a chegada de um contingente de nordestinos do Ceará, da Paraíba e Rio Grande do Norte, fugindo da grande seca do Nordeste de 1942, sendo caracterizada essa primeira fase como migrações espontâneas e familiares. Aos pouco adentraram na floresta, ocuparam as terras na medida em que as famílias se multiplicaram, formaram assim grupos ao longo do Rio Madeira.

O homem ribeirinho reflete a cultura do povo que vivem ao longo e a margem do Rio Madeira. Como acrescenta Paes Loureiro (1995, p.68):



Imagem1: Localização da Comunidade via Google Map. 2012

Trata-se de um mundo de pescadores, indígenas, extratores consumidos em largas e pacientes jornadas de trabalho; de uma geografia de léguas de solidão e dispersão entre as casas e pequenas cidades, de um viver contemplativo onde predominam a linguagem e a expressão devaneantes, como se seus habitantes caminhassem entre o eterno e o cotidiano.

Assim vive o Ribeirinho que acompanha o ciclo das águas, as sazonalidades das culturas e às culturas de subsistência, respeitando o ciclo da vida e da natureza. Relatos colhidos com o morador mais antigo da comunidade Niterói confirma o período de ocupação, bem como, a chegada do primeiro nordestino à comunidade.

Pretrere Jr. (1992) e Furtado (1993), abordam sobre as comunidades

ribeirinhas da Amazônia, afirmam que estas são compostas em sua grande maioria por moradores que dividem o tempo entre a agricultura e a pesca artesanal, sendo essa a sua maior fonte de proteína animal. Essa pesca é de subsistência, mas eventualmente, a produção excedente é comercializada, principalmente no período de seca. Esse pescador é usualmente classificado como pescador-lavrador ou polivalente.

Um aspecto importante na definição de comunidades tradicionais é a existência de formas de manejo dos recursos naturais determinados pelo respeito aos ciclos naturais, não explorando os recursos além do limite da capacidade de sua recuperação natural. Essas formas de exploração se revelam não somente economicamente viáveis, mas principalmente detentora de conhecimentos herdados pelos comunitários de seus antepassados (DIEGUES, 1996). Entretanto, os ribeirinhos, particularmente os do município de Porto Velho, têm pouca visibilidade para o poder oficial, e por essa razão ficam às margens das políticas públicas.

Podemos constatar este fato, através dos documentos oficiais produzidos no Estado que pretendem apresentar alternativas na perspectiva do desenvolvimento sustentado, que desconsideram essas populações tradicionais, ou quando adota uma medida, esta ocorre de "cima para baixo", não considerando às peculiaridades locais.

2.2 COMUNIDADE NITERÓI

A Comunidade Niterói situa-se na margem esquerda do Rio Madeira, com posição geográfica determinada pelas coordenadas S 08° 40' 15,26" e W 063° 55' 23,25". É um conjunto de casas em madeira e algumas em alvenaria que se posiciona paralelamente ao curso do Rio Madeira. Possui 98 famílias dados de 2006 do Ministério Público Estadual, atualmente verifica-se a evasão dos moradores por conta dos estudos e trabalho, que vivem predominantemente da pesca e agricultura de hortaliças que são vendidas na Feira do Produtor em Porto Velho.

A comunidade de Niterói juntamente com outras seis comunidades próximas: Maravilha, Santo Expedito, Remanso Grande, São Miguel, Silveira e Amparo estão organizadas numa associação ASMORNIMEMA (Associação de Moradores e Rurais

de Niterói do Médio Madeira), totalizando 400 famílias, liderada pelo Sr. Dione, que vem mobilizando esforços para o provimento de melhorias.

A ação mais recente foi a abertura da estrada que dá acesso a todos os moradores que vai da Br 319 até o Rio Jatuarana, rio este que deságua no rio Madeira, um percurso de aproximadamente 12 Km, a comunidade é a mais próxima da travessia do rio.

A vida ribeirinha é muito mais do que pescar, cultivar pequenas plantações nas terras férteis, utilizar a argila, normalmente farta, caçar, criar um ou outro animal. A água e o rio fornecem muito mais. Alimentam o espírito, assanham desejos, despertam a imaginação, fustigam pensamentos, fomentam expressões simbólicas, acessam a linguagem, enfim, constituem a base de uma vida intensa e criativa. (ALVES & JUSTO,2011).

Os autores acrescenta ainda que a vida do ribeirinho é completamente adaptada ao rio, às enchentes e ao espaço. As casas eram construídas em madeira sobre altas estacas, tentando manter alguma segurança frente aos riscos de cheia do rio e do perigo de invasão de animais selvagens. As enchentes eram vistas com agrado pelos pescadores, pois acreditavam que quanto mais abundante fosse a quantidade de água, maior seria a fartura no ano que começava. As cheias contribuíam para tornar as terras mais férteis e favoreciam o ciclo reprodutivo dos peixes. Para os pescadores, enchentes escassas anunciavam que o ano seria de fome e penúria.

3. MATERIAIS E METÓDOS

Através do prisma da percepção, procurou-se descrever a área da comunidade de Niterói no que diz respeito a morte e aos cemitérios domésticos (clandestinos). O estudo do caso em questão, que compreende todo o trecho da estrada Niterói, onde foram realizadas várias visitas a campo e encontros com moradores da comunidade, as quais consistiram no envolvimento e diálogos visando comparar as respostas com a análise bibliográfica e a percepção dos moradores.

O objetivo central foi o de estabelecer a percepção preliminar que os moradores possuem sobre as condicionantes que levaram a construir os cemitérios próximos a suas moradias.

Abordagem fenomenológica é a mais apropriada, para compreender a percepção da população ribeirinha da Comunidade Niterói a partir das suas histórias de vida e de suas experiências, o que explica a relação dessas pessoas com o meio. A partir dessas percepções o estudo aponta algumas sugestões que possam mitigar as conseqüências dos impactos ambientais associados às inundações que freqüentemente ocorrem no inverno amazônico.

Segundo relato do Sr. Raimundo, morador da Comunidade Niterói, nascido e criado no referido local, o desbarrancamento foi acelerado, mesmo nos períodos anteriores a ocorrência não era brusca, o que faz crer ser provocada pela abertura das comportadas da usina.

Sabemos que o fenômeno conhecido como "terras caídas" acontece devido a velocidade da correnteza do Rio Madeira, a onda criada pela correnteza bate na margem e cria erosões por baixo do terreno e as fortes correntezas do fundo do rio fazem com que o desbarrancamento ocorra de baixo para cima, foi o que verificamos *in lócus*.

Hartshorn (1980, p.186-187) considera que existem duas abordagens de pesquisa em percepção. A abordagem estrutural foca na percepção da identidade e maneira como o entrevistado recebe e organiza as informações espaciais em sua percepção. Já a abordagem avaliativa enfatiza o modo como as pessoas reagem a informações espaciais, como seu comportamento impacta o entorno. Considera que todas as pessoas têm capacidade de perceber e reconhecer elementos no meio circundante e como esta percepção pode influir, inclusive, no processo de tomada de decisão.

Sendo assim, compreende-se que uma das características centrais da Percepção é a de considerar que todas as pessoas possuem explicações para os fenômenos que a cercam e que, estas advêm de suas experiências com o meio. Esta pesquisa, portanto, utilizou a abordagem avaliativa, pois se considera que esta representa um avanço na análise da organização do espaço, mas optou-se também, mesmo que ainda de forma preliminar, complementar a abordagem com a solicitação, para alguns entrevistados.

4. RESULTADOS E DISCURSSÕES

4.1 CEMITÉRIO SUAS REPRESENTAÇÕES

A Comunidade Niterói possui ao longo de sua estrada de acesso 04 (quatro) cemitérios domésticos (clandestinos), construídos pelos precursores da localidade e posteriormente mantido pelos seus familiares que por não terem condições financeiras em transladar o corpo para o cemitério da cidade eram sepultados ali mesmo ou ainda por manter a tradição local em sepultar seus entes queridos em suas terras.

Teixeira (2009) aborda que hoje os rituais são bastante simplificados e nota-se a presença de práticas de outras religiões além dos procedimentos tradicionais do catolicismo popular. Preces e velas se complementam com o pranto ritual vertido pela família e pelos amigos do morto.

Os cemitérios locais são extremamente simples e sem nenhum tipo de pretensão artística ou arquitetônica. É comum que se tenha um cruzeiro no centro do mesmo e as sepulturas se resumem a simples cruces de madeira. Uma pequena tabuleta de madeira com a grafia pintada com tinta óleo contendo o nome e os dados de nascimento e morte do morto é acrescida ao crucifixo. Em raros casos, se prepara uma sepultura com tijolos revestido de cerâmica e ou de cimento.

Geralmente os cemitérios não ficam muito afastados do rio e deve-se assegurar que a área não esteja sob risco de enchentes ou desmoronamento. (TEIXEIRA, 2009)

No entanto, em alguns casos, os processos de erosão impostos pelo rio aos barrancos, termina por arrastar consigo as sepulturas, como aconteceu com uma parte do cemitério de Santo Antônio, em Porto Velho, que datava do século XIX.

Após o sepultamento, sobre a terra recém escavada acendem-se velas e depositam-se flores. Nos casos de sepultamentos de indivíduos com maiores recursos são encomendadas lápides de mármore, de ferro ou de bronze. (TEIXEIRA, 2009). O que não é observado nas sepulturas dos 04 (quatro) cemitérios ao longo da Estrada de Niterói, todas as sepulturas sem ostentação alguma guardam a memória dos seus fundadores, que recebem de seus descendentes apenas flores e a cruz que representa o sinal do cristão.

O primeiro cemitério (Foto 1) é bem na entrada da comunidade no primeiro contorno à margem esquerda da estrada Niterói é o único que não está localizado à margem direita da estrada ou seja, na barranca do rio e possui um total de dez (10) sepulturas, sendo o mais precário em termos de manutenção, pois está abandonado há muito tempo, instalado na década de 1950 pelos primeiros ribeirinhos que por não terem condições econômicas de sepultar seus entes na "Capital" realizavam tal procedimento na comunidade.



Foto 1: Grevsmuehl 2012 - Cemitério 1

Outro fator que levava os moradores a sepultar ali é que o deslocamento do doente para tratamento já era difícil e se ocorresse a óbito era sepultado ali mesmo, o que prejudica a estatística dos órgãos competentes, não se tendo a "causa mortis", gênero, entre outras variáveis sobre os primeiros moradores da Comunidade.

Observa-se um número considerado de crianças sepultadas nestes cemitérios domésticos (clandestinos) antes dos cinco (05) anos, sendo que alguns antes de completar (um) 1 ano de vida, cuja alegação da causa é a "morte dos sete dias" no popular, que vem a ser o tétano. Não foi possível determinar as famílias que ali foram sepultadas.

No cemitério 2 (Foto 2) encontramos um espaço delicado e conservado, possui um total de 10 (dez) túmulos, sendo 3 (três) em alvenaria recoberto de cerâmica, localizado à margem direita da estrada Niterói, na barranca do rio Madeira, não identificamos a família e nem localizamos nenhum descendente e 2 (dois) túmulos sem marcação.

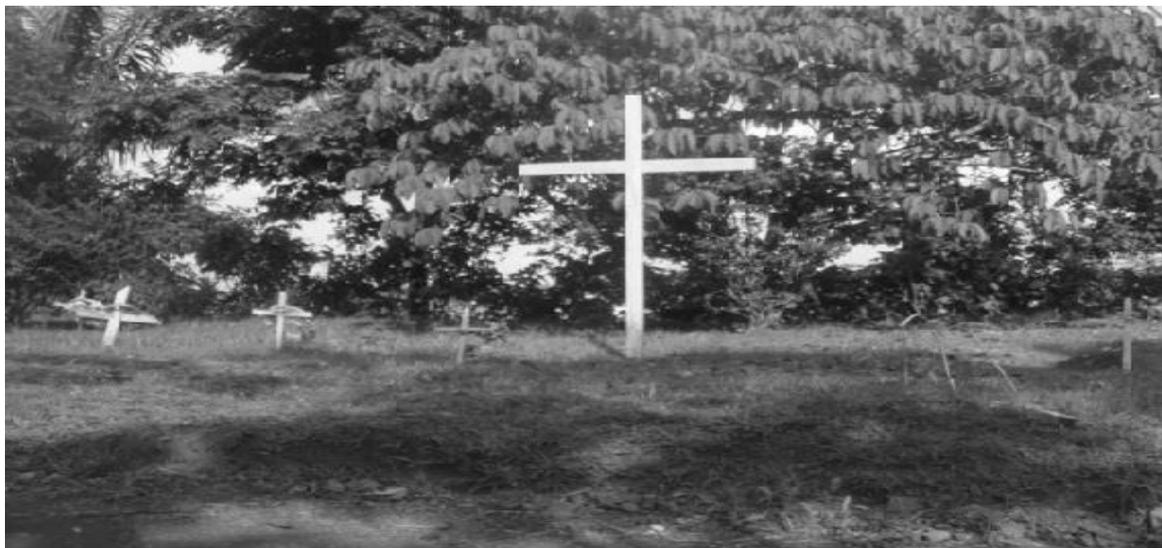


Foto 2: Grevsmuehl 2012 - Cemitério 2 - Vista geral com o Cruzeiro ao centro.

O cemitério com maior número de túmulos é o 3º (terceiro) à margem direita da estrada de acesso da comunidade, que por ser o mais antigo e encontra-se em total abandono com o mato tomando conta de toda a área do cemitério, encontra-se ali 20 (vinte) túmulos espalhados por dentro da floresta secundária.

Não encontramos ali o cruzeiro que delimita o centro do cemitério e as condições de alguns sepultamentos sem marco nenhum, enterrado diretamente ao solo, possivelmente em decorrência da época chuvosa. Mais algumas covas possuem características de serem recente. A família Bezerra é uma das precursoras da localidade.



Foto 3: Grevsmuehl 2012 - Cemitério 3 - Vista Geral sem Cruzeiro

O cemitério 4 (Foto 4) é formado pela família Botelho, que chegou na comunidade na década de 40, tem em seus descendente a manutenção do cemitério e de suas tradições, segundo seu Pindoba (Francisco Corrêa Botelho) que chegou a localidade há 40 anos, o último sepultamento foi de seu pai para manter a tradição familiar.

Possui um total de 06 (seis) túmulos. Observamos que em todos os cemitérios com exceção do 03 (terceiro) que os túmulos estão dispostos de forma aleatória, tanto o cruzeiro e as sepultaras, assim como a frente dos cemitérios estão voltadas



para o rio.

Foto 4: Grevsmuehl 2012 - Cemitério 4 - Vista Geral com o Cruzeiro.

4.2 REPRESENTAÇÕES

Dentro da concepção de representações é comum encontrarmos nos cemitérios uma arte tumular voltada para a representação do indivíduo, mesmo que seja de forma simples, tem o papel de contar e representar a sua história de vida e as suas contribuições nesta vida.

Com a saída dos túmulos das igrejas seria natural que agora nos campos santos para mostrar a sua devoção, o indivíduo faz uso dos elementos cristãos. Dentre essas representações destacamos: a guirlanda que representa o triunfo da vida sobre a morte, os vasos de flores tem o mesmo significado, a cruz representa a interseção do plano material com o transcendental em seus eixos perpendiculares. Todas as representações eram inspiradas no sincretismo religioso.

A representação manifesta-se também pelo tipo de guarda-roupa e adereços, como pelas falas e gestos que em conjunto e de forma harmoniosa conferem sentido e eficácia simbólica. Assim a comunidade manifesta suas dores de perda ao familiar enlutado.

5. CONCLUSÃO

Para os ribeirinhos, a água, o rio e a barranca são as referências centrais de suas concepções e produções no contexto e sentido da vida. Para eles a morte é tratado como algo natural, claro que tem todo o sofrimento e a dor que a perda do ente querido traz, mas é tratada de forma natural, passa-se pelo processo fúnebre é tratada de forma natural como sendo parte da vida.

Os rituais de luto sofreram, ao longo do tempo, uma progressiva e rápida redução, tanto no que concerne à sua visibilidade, quanto no tocante às suas práticas mais íntimas. Nas regiões do baixo Madeira, a carência em todos os aspectos, a dificuldade e os poucos recursos que o falecido possuíam, fizeram com que não houvesse tempo para a dor e o pranto pelos mortos pelos seus familiares que tem que arcar com todas as despesas de sepultamento.

Os resultados evidenciam que as culturas locais adaptaram práticas e procedimentos diversificados, que têm por base as tradições cristãs, notadamente

de cunho católico, mas que, por circunstâncias diversas sofreram uma série de alterações a partir da inclusão de outras denominações religiosas.

Deixamos nosso parecer quanto aos sepultamentos realizados em áreas de risco, tendo em vista que a mesma estar sofrendo um processo acelerado do fenômeno das "terras caídas" é que seja evitado os sepultamento nas barrancas do rio Madeira.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. D. & Justo, J. S. **Espaço e subjetividade**: estudo com ribeirinhos. Psicologia & Sociedade, 2011.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. EDUFSC, 2007.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo. USP, 2000.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra, Livraria Almeida, 1980.

FURTADO, L.F.G. **Pescadores do Rio Amazonas**: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém. CNPQ/MPEG, 1993.

GALVÃO, E. Panema: **uma crença do caboclo amazônico**. Revista do museu paulista, São Paulo, n.º 5. 1951, p. 221-225.

HARTSHORN, Truman A. **Interpreting the city: an urban Geography**. New York: John Wiley & Sons, 1980.

KUBLER- Ross, E. **"Sobre a morte e o morrer"**: 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **O Espaço Ribeirinho**. Terceira Margem, São Paulo. 2000.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e Representação Gráfica: A "Geograficidade" nos Mapas mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas**. 2001. Tese de doutorado em geografia – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica**. Uma poética do imaginário. Cejup Belém, 1995.

PEREIRA, E.O. **A Geografia Fenomenológica**: Um olhar sobre a percepção ambiental dos povos ribeirinhos do rio Formate a partir da sua história oral e dos seus mapas mentais. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. 2010.

PRETRERE JR, M. **As comunidades humanas ribeirinhas da Amazônia e suas transformações sociais**. In: Diegues, A.C. (Ed). **Populações humanas, rios e mares da Amazônia**. São Paulo. Anais do IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. 1992, p. 31-68.

STERNBERG, H. O. R. 1956. **A água e o homem na Várzea do Cordeiro**. Rio de Janeiro, 2.º V.

SILVA, Josué da Costa.- Cuniã: **Mito e Lugar**. Mimeog. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP. SP. 1994.

RIBEIRO, Marcela Arantes. **Entre o Rio e a Mata**: História oral e Espaço Vivido em Comunidades Ribeirinhas Mestranda em Geografia, Universidade Federal de Rondônia - UNIR. 2010.

TEIXEIRA, M.A.D. A Morte e o Culto aos Mortos nas Tradições Populares de Rondônia. Saber Científico, Porto Velho, jul./dez.2009.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo:Difel,1983.

WAGLEY, C. **Race and Class in Rural Brazil**. Columbia University Press, New York. 1952.